

***Industrial Park*: uma análise feminista da tradução do primeiro romance proletário brasileiro**

Palavras-Chave: PAGU, TRADUÇÃO FEMINISTA, LITERATURA BRASILEIRA

Autores(as):

Letícia Bergamini Souto, IEL – Unicamp

Prof^ª. Dr^ª. Érica Luciene Alves de Lima (orientadora), IEL – Unicamp

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de iniciação científica teve como objetivo analisar a tradução para o inglês do livro *Parque industrial*, de Patrícia Galvão, sob a perspectiva feminista, como proposto por Godard (1988), Arrojo (1994) e Flotow ([1991] 2021). A relevância de Patrícia Galvão (1910-1962) ultrapassa o âmbito do movimento modernista brasileiro; sua figura permeia o imaginário social nacional acerca das mulheres que protagonizaram o Modernismo, e fomenta debates pertinentes sobre a produção literária atravessada pelo recorte de raça, gênero e classe.

Parque industrial, o primeiro livro de Patrícia Galvão, foi escrito em 1932 e publicado no ano seguinte, sob o pseudônimo Mara Lobo. Ela estava profundamente envolvida na militância política naquela década; por esse motivo, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) exigiu que a obra fosse publicada com outro nome, para que Pagu e seu partido fossem preservados. O livro, autointitulado “romance proletário”, está no cerne da virada social do Modernismo, e pode ser lido como um “excêntrico e atrevido precursor” (Campos, 2013, p. 140) do romance social que viria a dominar a década de 1930.

A partir das leituras sobre tradução feministas e práticas feministas de tradução, foi possível analisar o texto em inglês, *Industrial park*, traduzido por K. David Jackson e Elizabeth Jackson, visando a manutenção da linguagem revolucionária do original, uma vez que “*Parque industrial* é uma experiência textual que procura trazer ao romance a fala e o modo de vida da mulher proletária no Brasil” (Guedes, 2003, p. 54). Além disso, esta pesquisa também investigou os efeitos decorrentes dos paratextos editoriais do texto original e traduzido, ancorando-se, sobretudo, no entendimento da tradução comentada como gênero textual, como proposto por Zavaglia, Renard e Janczur (2015), e na metodologia apresentada por Williams e Chesterman (2007).

METODOLOGIA

A bibliografia desta investigação selecionou obras referentes a *Parque industrial* e Pagu, à tradução feminista e a tradução e paratextos, com o intuito de servirem como referência para a análise do contexto da obra e de sua

tradução. A partir da leitura e do estudo desses textos foi possível definir os parâmetros a serem seguidos pela análise. A metodologia foi norteadada pelo cotejo do texto original e traduzido, como apresentado em Williams e Chesterman (2007), uma vez que a “análise de textos traduzidos envolve a comparação textual da tradução com seu original” (p. 6). Para tal, foram utilizados dois modelos: 1) o comparativo, no qual “há textos originais de um lado e suas traduções do outro; analisam-se as diferenças entre eles” (p. 51-52); e 2) o causal, especialmente a nível sociocultural: “Aqui, os fatores podem afetar [...] a decisão do tradutor de traduzir de determinada maneira” (p. 54).

Por isso, foram considerados o texto e suas variáveis contextuais, que tratam de “como aspectos da tradução estão relacionados a aspectos do mundo em geral” (p. 85). Ademais, a compreensão da tradução comentada como gênero textual, proposta por Zavaglia, Renard e Janczur (2015), também compôs a metodologia investigativa, pois “toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada” (p. 333).

Uma vez delineadas essas reflexões, foi realizada a leitura dos livros em busca de elementos que se mostrassem relevantes aos dois modelos supracitados, tendo sempre em vista que “a tradução sempre desempenhou um papel fundamental no combate à opressão e à hegemonia em seus muitos disfarces” (Zaidan; Baker, 2019 p. 17). Portanto, essa leitura mais atenta das obras se deu diante do entendimento da tradução feminista como uma prática emancipatória.

RESULTADOS

O romance proletário de Pagu foi descrito por Guedes (2003, p. 14) como uma “gestação rápida e febril”, condizente com seu propósito de subverter o gênero burguês. A metáfora da gestação caracteriza a obra como um retrato do cotidiano da proletária paulistana, descendente de italianos. Este estilo literário de Pagu, com períodos curtos e diálogos naturais, se assemelha à estética fragmentária de “colagem de takes da vida proletária no bairro do Brás” (Risério *apud* Campos, 2013, p. 36). A recente edição da Companhia das Letras (2022) resgata visualmente a capa original, omitindo o pseudônimo.



Figura 1 Edição original e reedição da Companhia das Letras. Retirado de: Bonvicino, 2014 e Companhia das Letras, 2022.

Em seu texto fundante, Flotow ([1991] 2021, p. 496)

define a tradução feminista como um método que subverte a linguagem patriarcal, desenvolvido por escritoras feministas no Quebec na década de 1970. Esta abordagem inclui a fragmentação da linguagem, desconsideração das estruturas gramaticais e sintáticas, e o dismantelamento de palavras para revelar significados ocultos. A tradução feminista emerge como uma prática política e poética que não se aliena do ativismo e das convicções da tradutora, mas, ao contrário, assume um papel autoral explícito (Arrojo, 1994, p. 149). Essa prática não busca a invisibilidade da tradutora, mas sim uma transformação performática do texto, chamada de “*womanhandling*”

(Godard, 1988, p. 49). A tradução feminista não apenas difunde obras literárias, mas também reescreve o cânone ao colocar textos em diálogo e desafiar a marginalização sistemática das mulheres. Tendo como base as práticas feministas da tradução supracitadas, a análise de *Industrial Park* se dividiu em três eixos: diálogos, mulheres e elementos culturais.

Os diálogos na tradução utilizam diferentes estratégias dos marcadores linguísticos tradicionais dos moradores do Brás dos anos 1930, bairro caracterizado pela imigração italiana e o estrato social baixo (geralmente caracterizado pela pouca escolarização). A utilização desses marcadores é política e datada desse contexto.

	Original	Tradução
1	“Vou <u>botar</u> pó de arroz na cabeça...” (p. 39)	“I’m going to <u>sprinkle</u> face powder on my hair...” (p. 35)
2	“Por que você <u>veiu</u> ?” (p. 62)	“What are you doing here?” (p. 58)
3	“Afiml, <u>todas nós está</u> aqui por causa do dinheiro.” (p. 62)	“After all, <u>we are all</u> here because of money” (p. 58)

Tabela 1 Exemplos de diálogos.

Os trechos na Tabela 1 apresentam uma linguagem extremamente informal – que é realçado pela própria ortografia, como no caso 2 (“veiu”), ou pela concordância de sujeito e verbo no exemplo 3 (“todas nós está”, em vez de “estamos”) –, muito característico do grupo social em

questão. Essa linguagem estrutura o romance, pois opera como um marcador. Em inglês, essas diferenças desaparecem: “sprinkle” (salpicar) não é tão coloquial quanto “botar”, assim como “we are all here” não provoca o mesmo efeito nos leitores anglófonos como “todas nós está” provoca nos brasileiros.

	Original	Tradução
1	“Eu tenho <u>peitinhos!</u> ” (p. 43)	“I’m getting <u>little breasts!</u> ” (p. 40)
2	“ <u>Peitos</u> propositais acendem os bicos sexualizados no suéter de listras, roçando.” (p. 32)	“Bustling <u>breasts</u> ignite their sexualized nipples in a striped sweater, rubbing.” (p. 26)
3	“ <u>Seios</u> apontando.” (p. 33)	“ <u>Breasts</u> pointing.” (p. 33)

Tabela 2 Exemplos da tradução de “seios” e “peitos”.

Com relação à tradução de termos relacionados às mulheres, uma vez que se centra na vida da mulher proletária paulistana, a narrativa de *Parque industrial* evoca o tratamento dirigido a ela, apresentando um caráter muitas vezes desumanizante e

hipersexualizado. O tradutor K. David Jackson (apud Campos, 2013, p. 363) afirma: “o erotismo e o sexismo da sociedade é assunto central no romance de Pagu e na vida do Brás”. Para explicitar esse traço fundante, a autora recorre a ferramentas como a utilização do diminutivo, tanto para conotação pejorativa quanto para indicar porte físico e/ou idade; por vezes as palavras “seios” e “peitos” são traduzidas como “breasts”, embora não gerem essa mesma interpretação em português, como mostra a Tabela 2.

	Original	Nota/significado	Tradução
1	“[...] o pessoal da tecelagem soletira no cocoruto imperialista do ‘camarão’ que passa.” (p. 15)	“Os primeiros bondes elétricos fechados, com portas para facilitar o pagamento das passagens e geralmente pintados de vermelho, chegaram ao Brasil no final dos anos 1920 e foram logo apelidados de ‘camarões’.” (p. 15)	“[...] the textile workers read on the imperialist crown of the ‘shrimp’ that rolls by.” (p. 7)
2	“Você vai hoje no <u>Mafalda</u> ?” (p. 25)	“O Teatro Mafalda, então localizado no Brás, em São Paulo, era uma pequena casa de espetáculos que também exibia filmes.” (p. 25)	“Are you going to the <u>Mafalda Cinema</u> today?”
3	“Alerta, rapaziada <u>maxixeira!</u> ” (p. 40)	Quem dança maxixe.	“Watch out, kids <u>dancing maxixe!</u> ” (p. 36)

Tabela 3 Tradução de elementos culturais.

Os elementos culturais intrínsecos à obra, que dizem respeito, sobretudo, aos espaços de sociabilidade da classe operária na São Paulo dos anos 1930, não levam nota de rodapé na tradução – como faz o original. Em vez disso, os tradutores optam por soluções que não interfiram na leitura, a saber: nenhuma inserção ou realce (exemplo 1); a inserção de uma palavra no corpo do texto, de modo a elucidar sobre o que se trata (2); ou o recurso das aspas ou do itálico (3), como mostra a Tabela 3.

DISCUSSÕES E CONCLUSÃO

Para Baker, em entrevista à Zaidan (2019, p. 17), “a tradução sempre desempenhou um papel fundamental no combate à opressão e à hegemonia” e, por isso, é preciso conectar os Estudos da Tradução a outras áreas, de modo que os estudiosos

e profissionais da tradução não se enclausurem na “torre de marfim”; portanto, faz-se necessário “demostrar como a tradução afeta o mundo real” (p. 15). A prática emancipatória da tradução feminista tem no seu horizonte o questionamento do cânone, o resgate de vozes marginalizadas da literatura e a sua difusão de maneira acessível. Traduzir uma obra literária tendo como cerne o feminismo e suas manifestações no discurso subverte a lógica tradicional do cânone. Assim, uma tradução feminista ajuda a fomentar o debate sobre a reorganização e canonização de obras e seus parâmetros – que são masculinos e burgueses –, de modo a abrir espaço para uma literatura construída a partir de outras experiências e perspectivas.

Quando se trata de uma obra que, por si só, já é feminista – como é o caso de *Parque industrial* –, a tarefa da tradução feminista é justamente a de manter o tom de voz do original. O comprometimento com o texto, seus recursos e procedimentos literários é também um comprometimento com a escrita feminista, sobretudo em uma obra cujo objetivo é “voltado ao interesse também de um público formado por operários” (Guedes, 2003, p. 57).

A tradução de Elizabeth e K. David Jackson, portanto, cumpre esse papel de aproximação entre autora e leitores, uma vez que o texto em inglês é significativamente mais simples. Isso se deve ao fato de ele ter menos marcas (de tempo, oralidade, formalidade e de altura de registro) do que o original. Ainda assim, a escrita fragmentária, fugaz e visceral de Pagu se mantém. A tradução para o inglês perpetua a voz de Pagu sem que a voz dos tradutores seja abafada; o trabalho da tradução e dos paratextos mostra o cuidado com o texto original, preocupando-se com questões de acessibilidade (tendo em vista o arcabouço apresentado nos paratextos e a relativa simplicidade da linguagem se comparada a do texto original), difusão e inserção de *Parque industrial* no universo dos leitores anglófonos que se interessam por literatura brasileira.

Dessa forma, esta investigação de iniciação científica possibilitou o aprofundamento do conhecimento sobre o trabalho de tradução norteado por práticas feministas, além de reflexões sobre o resgate da literatura feita por

mulheres que foram (e ainda são) marginalizadas pela crítica e pelo cânone. Nesse sentido, esta pesquisa se mostra relevante não só em um sentido individual, no âmbito acadêmico, mas coletivo, pois dialoga diretamente com as diversas iniciativas de questionamento em relação ao apagamento de mulheres da história da literatura brasileira – como é o caso da escolha de Pagu para ser a homenageada da Festa Literária de Paraty (Flip) (Gandra, 2023). Espera-se que essas iniciativas continuem se expandindo e que as artistas ofuscadas pelo sistema literário, que é machista, racista e classista, ocupem cada vez mais lugares nas investigações acadêmicas, nos festivais literários e nas estantes dos leitores.

BIBLIOGRAFIA

- ARROJO, Rosemary. Fidelity and the gendered translation. **TTR - Traduction, Terminologie, Rédaction**, Québec, v.7, n.2, 1994, p. 147-163.
- BONVICINO, Régis. Sexo e Gênero em Parque Industrial. **SIBILA – Revista de Poesia e Cultura**, online, 17 mai. 2014.
- CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- COMPANHIA das Letras. **Parque industrial** [online, s.d].
- FLOTOW, Luise von. [1991]. Tradução Feminista: Contextos, Práticas e Teorias. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41 n. 2, p. 492-511, 2021. Trad. de Ofir Bergemann De Aguiar & Lilian Virginia Porto.
- GALVÃO, Patrícia. **Industrial Park: a proletarian novel**. Tradução de Elizabeth Jackson e K. David Jackson. Lincoln; Londres: University of Nebraska Press, 1993.
- GALVÃO, Patrícia. **Parque Industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- GANDRA, Alana. Escritora Patrícia Galvão, a Pagu, é a homenageada da Flip 2023. **Agência Brasil**, 2 jul. 2023.
- GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. **Mapping Literature, The Art and Politics of Translation**, David Homel and Sherry Simon (Eds.), Montreal: Vehicule Press, 1988.
- GUEDES, Thelma. **Pagu: Literatura e Revolução**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- JACKSON, K. David. Translating Pagu's Industrial Park: São Paulo in 1933 – internationalizing the Modernist novel. **Gragoatá**, v. 24, n. 49, p. 672-677, mai.-ago. 2019.
- RISÉRIO, A. "pagu: vida-obra, obravida, vida". In: CAMPOS, A. de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- WILLIAMS, J; CHESTERMAN, A. **The Map – A Beginner's Guide to Doing Research**. Manchester, Nova Iorque: St. Jerome Publishing, 2007.
- ZAIDAN, J. M.; BAKER, M. Tradução e transformação social: uma entrevista com Mona Baker (Translation and social change: an interview with Mona Baker). **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 9, n. 21, p. 14–35, 2019.
- ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.